

**DEPOIS  
DO  
FUTURO**  
**FRANCO BERARDI**

**TRADUÇÃO  
REGINA SILVA**

<b>7</b>	<i>Prefácio à edição brasileira</i>
<b>10</b>	Introdução: a infinitude do futuro
<b>12</b>	1. O século que acreditou no futuro
<b>73</b>	2. Quando o futuro acabou
<b>111</b>	3. A última utopia
<b>134</b>	4. Futuro precário
<b>173</b>	Manifesto pós-futurista
<b>177</b>	Posfácio: futurabilidade
<b>185</b>	<i>Sobre o autor</i>
<b>187</b>	<i>Índice onomástico</i>

PREFÁCIO

# DEPOIS DO FUTURO: DEZ ANOS DEPOIS

Este livro foi publicado originalmente em 2009, no aniversário de cem anos do Manifesto Futurista, e minha intenção era comparar o *Zeitgeist* depressivo deste novo século ao espírito futurista que permeou profundamente a cultura do século xx, marcado pela crença no futuro. De fato, até pelo menos 1968, o futuro era imaginado de forma eufórica. Apesar das tragédias, das guerras e dos inúmeros massacres, o sentimento que imperava no *Novecento* era de fé na realização final da razão. Tomando muitas formas – justiça social, afirmação nacional, democracia liberal, perfeição tecnológica –, o horizonte parecia brilhante, mesmo que o caminho até o futuro fosse pavimentado com sofrimento, miséria, dificuldades e luto inimagináveis.

Pode-se argumentar que a vida melhorou em muitos sentidos na segunda metade do século passado: menos pessoas sofrem com a fome, a expectativa média de vida aumentou, e a tecnologia abriu um horizonte de possibilidades que a imaginação futurista jamais chegou a conceber.

Entretanto, algo se quebrou na esfera psicossocial. O sentimento que prevalece é de melancolia: a antiga metáfora do Iluminismo foi subitamente virada do avesso. A expectativa moderna de expansão constante das luzes foi substituída por outra, um tanto quanto oposta.

“Iluminismo obscuro” é a expressão que melhor sintetiza a percepção atual do futuro como algo que ameaça o programa humanista.

Há dez anos aponteí essa tendência, e a década que passou desde a primeira edição deste livro só a confirmou: o futuro já não é mais percebido (tal qual no século passado) como fonte de esperança, como promessa de expansão e de crescimento. É um

futuro amedrontador ao invés de promissor que aguarda  
➤ essa geração, precarizada e altamente conectada – a pri-

meira a ter aprendido mais palavras de uma máquina do que de uma mãe.

No ano de 1977, quando a banda punk anarquista Sex Pistols disse pela primeira vez “não há futuro”, a frase foi recebida como provocação paradoxal. No novo século, no entanto, as mesmas palavras se tornaram quase senso comum.

Depois da crise financeira de 2008 e das impotentes revoltas em resposta a ela, um sentimento generalizado de humilhação tomou conta da esfera psicossocial. Depois disso, em todos os cantos do mundo emergiram movimentos neorreacionários. Hoje, no despertar da irreversível decadência da democracia liberal, o pensamento crítico tem a tarefa de decifrar o destino da civilização.

Seria a legitimação eleitoral de forças da extrema direita o prenúncio de um triunfo final da brutalidade fascista? Minha resposta a essa pergunta é sim e não.

A propagação do racismo, do nacionalismo e da agressividade é inegável. Ao mesmo tempo, não penso que o fascismo esteja de volta.

O fascismo foi, de fato, a demonstração agressiva da potência de uma população jovem que se sentiu marginalizada pela burguesia cosmopolita. Mas os aspectos da agressividade contemporânea delineiam um escape psíquico totalmente diferente disso. A onda reacionária se parece com a expressão de um desespero senescente, uma vingança furiosa mas impotente não só contra a razão financeira que provocou um empobrecimento social, mas também contra a humilhação política e sexual que esse declínio trouxe à tona.

No século passado, o fascismo foi, essencialmente, um ataque violento de jovens excluídos do poder econômico e político. Desde a época do Manifesto Futurista, a potência

sexual e a agressividade política estavam conectadas na imaginação fascista. Agora não mais. Hoje, a decadente raça branca do mundo ocidental está mergulhada em uma espécie de desordem mental baseada na impotência e no autodesprezo.

Além disso, o fascismo foi expressão de pertencimento: a mitologia envolvendo sangue e nação era baseada em um verdadeiro senso de comunidade. Agora não mais. Hoje, pessoas brancas votam em partidos nacionalistas não porque acreditam pertencer a uma comunidade, mas porque gostariam de resgatar esse sentimento do passado. Elas cresceram na era do individualismo desenfreado, confiaram nas promessas do egoísmo neoliberal e se descobriram perdedoras. Confiaram nas promessas neoliberais de sucesso individual e terminaram desiludidas. Agora é tarde demais para abraçar uma nova esperança, uma nova imaginação: a única coisa que conseguem fazer é compartilhar seu ódio e seu desejo de vingança.

Expectativas frustradas, somadas ao individualismo frustrado, não levaram ao ressurgimento da solidariedade, mas só a uma ânsia desesperada e ao desejo enfurecido de aniquilação. Niilismo é o nome da cultura emergente.

Como não há alternativa à racionalidade algorítmica do mundo das finanças, o desejo de aniquilar essa racionalidade tomou a dianteira. Porque a ferocidade matemática da economia penetrou a linguagem e invadiu todos os aspectos da vida social, queremos destruir tudo, incluindo as condições necessárias à nossa própria sobrevivência.

F.B., janeiro de 2019

INTRODUÇÃO

# A INFINITUDE DO FUTURO

Não tenho a intenção de defender nenhuma tese nem de formular previsões ou teorias. Gostaria de contar as peripécias do futuro durante os cem anos que nos separam da publicação do primeiro manifesto do futurismo italiano, em fevereiro de 1909. Ou seja, contar como a percepção do futuro evoluiu ao longo do século xx. Como imaginávamos o futuro durante o século xx? Como ele nos foi apresentado por artistas, poetas e pensadores? E como imaginamos o futuro hoje, cem anos após a publicação do primeiro Manifesto Futurista?

Agora, podemos ver espaços distantes, mas o tempo distante ninguém mais vê. A certa altura, alguém anunciou que o futuro havia acabado, mas as coisas não são bem assim, porque o futuro nunca acaba. Simplesmente não somos mais capazes de imaginá-lo.

O século xx foi movido pela energia utópica proveniente das vanguardas culturais, artísticas e políticas. Essa energia se esgotou? Por quê? Tudo parece ter sido virado pelo avesso, talvez pelo excesso de velocidade, e no futuro vemos as sombras de um passado que acreditávamos estar enterrado.

Este livro surgiu a partir de conversas com meu amigo Marco Magagnoli, psiconauta e vidente, em 2008, ano em que a crise financeira e geopolítica ocidental abria um abismo, revelando um buraco negro no tempo vindouro. Da implosão do futuro nascerão os movimentos imaginários e sociais do século XXI. “Não vamos pagar pela crise de vocês”, grita o movimento estudantil italiano, que estourou em outubro daquele ano. Como não pagar por aquele vazio abissal que o capitalismo produziu na tela do tempo?

**11** Como saltar sobre esse abismo?

# 1. O SÉCULO QUE ACREDITOU NO FUTURO

## A MÁQUINA EXTERNA DO FUTURISMO ITALIANO

Em 20 de fevereiro de 1909, Filippo Tommaso Marinetti publicou no jornal parisiense *Le Figaro* o primeiro Manifesto Futurista. Podemos considerar esse texto a primeira declaração consciente de um movimento que, nas décadas seguintes, se espalhariá pela Europa com o nome de vanguarda. Podemos considerá-lo também, em certo sentido, o primeiro ato consciente do século que acreditou no futuro. O século xx, linha de chegada e realização das promessas da modernidade, começa realmente quando os futuristas bradam com arrogância o advento do reino da máquina, da velocidade e da guerra.

A vanguarda construiu uma imagem ambígua de si mesma e viveu sua condição fértil de ambiguidade. De um lado, apresentou-se como utopia e como gesto radical e ambicioso; do outro, revelou uma capacidade para representar a realidade a ponto de chegarmos a considerá-la a alma do mundo industrial que se projetava em sua fase de urbanização acelerada.

A aglomeração urbana ainda era um fenômeno marginal no planeta na primeira metade do século xx. Apenas um pequeno percentual da população vivia nas grandes cidades. No final desse século, mais da metade da população mundial se encontrava em ambientes metropolitanos. A vanguarda nasceu, antes de mais nada, da excitação produzida por esse processo de deslocamento, de desterritorialização gigantesca. Por meio de uma ação voltada para o gosto e para as técnicas, a vanguarda exerceu uma influência direta e muito profunda sobre o processo produtivo, sobre a projeção industrial e sobre a criação do ambiente urbano.

A desterritorialização do século xx transmitiu uma energia nova ao pensamento, ao gosto e ao trabalho artístico.

A vanguarda é o lugar de elaboração dessa energia, dessa excitação. E devolveu à vida social essa energia de uma forma elaborada.

Entre os muitos movimentos que, com nomes e estilos diferentes, povoaram o mundo diversificado das vanguardas do século xx, o futurismo é o que expressou sua utopia com maior violência e extremismo. E hoje, um século depois, podemos afirmar que tanto o futurismo italiano quanto o russo foram o laboratório mais diretamente envolvido na prática da inovação formal, linguística, midiática e política.

No mesmo ano em que Marinetti publicava o Manifesto Futurista, Henry Ford introduzia em sua fábrica de Detroit a primeira linha de montagem. O que é uma linha de montagem? É uma tecnologia concebida pelo engenheiro Charles Taylor com a finalidade de possibilitar o trabalho coordenado e sincronizado de um número considerável de operários. Concretamente, a linha de montagem é uma esteira móvel sobre a qual é colocada a peça que está sendo construída. Ao longo dessa esteira, os operários executam em sequência as operações nas quais o processo de trabalho foi fragmentado. A intervenção dos operadores humanos é recomposta pela máquina que unifica seus movimentos sucessivos até possibilitar a produção do objeto: o automóvel, por exemplo, que constitui a grande inovação da indústria mecânica do novo século.

O Manifesto Futurista é um hino à modernidade explosiva cujos efeitos – ainda muito pouco perceptíveis na realidade italiana – estendem-se ostensivamente pelo mundo urbanizado e industrializado euro-americano. Os objetos que ele enfatiza e que transforma em valores estéticos e políticos são a máquina, a velocidade, a violência e a guerra.

Não é por acaso que o futurismo explode justamente  
**14** nestes dois países, Itália e Rússia, que estão à margem do

mundo europeu industrializado e dois países nos quais a indústria chegou com atraso e era pouco desenvolvida no início do século. Dois países nos quais as tradições culturais e políticas, o respeito e a adoração pelo passado predominavam em relação ao modernismo. Tanto na Itália quanto na Rússia, o futurismo nasceu como reação e como desejo de inovação, mas não devemos ver esse movimento apenas como reação ao subdesenvolvimento. Ao contrário, é preciso vê-lo como ativador de uma energia estética que se propaga em seguida, por mil canais de experimentação estética, em todo o movimento de vanguarda, que, nas primeiras décadas do século xx, anima a cultura do continente europeu. Devemos vê-lo como a alma estética de uma fé no futuro que permeia profundamente o espírito do capitalismo moderno.

A máquina está no centro do mundo imaginário futurista. Trata-se da Máquina Externa, a máquina pesada, ferruginosa e volumosa, que não deve ser confundida com a máquina internalizada e reprogramável da época bioinformática, a nossa época, a nova época que se inicia após o final do século que acreditou no futuro e se mostra em toda a sua potência imaginária e prática com a concretização do Projeto Genoma e com a progressiva transformação do sistema produtivo global pela rede que conectou seres humanos e automatismos mecânicos. Vivemos hoje, no século XXI, rodeados e penetrados por máquinas internas, máquinas infobiotécnicas, cujo funcionamento e cujos efeitos sobre a evolução cultural da espécie humana não somos ainda capazes de avaliar plenamente.

O que significa máquina? Máquina é o que se concatena. Máquina é a concatenação de entidades (metais, líquidos, conceitos, formas) que funcionam de acordo com uma determinada finalidade.  
**15**

A máquina que o futurismo exalta é um objeto externo em relação ao corpo e à mente humana: a máquina visível no espaço urbano e no espaço da fábrica e da rua.

Deus veemente de uma raça de aço  
Automóvel embriagado de espaço  
Que escolhe e freme de angústia  
Roendo o freio com dentes estrídulos  
Espantoso monstro japonês,  
De olhos de forja,  
Nutrido de chama e óleos minerais  
ávido de horizontes, de presas siderais  
Solto seu coração que faz um baque diabólico,  
solto seus pneus gigantesco  
para a dança que você sabe dançar  
pelas estradas brancas de todo o mundo!<sup>1</sup>

Hoje devemos repensar a questão da máquina em termos totalmente novos. Hoje, a máquina está em nós. Aquela que hoje absorve o trabalho e produz mercadorias é não mais a Máquina Externa, mas a infomáquina que se entrelaça com o sistema nervoso social, a biomáquina que interage com a genética do organismo humano. A máquina interiorizada, a nanomáquina capaz de produzir mutações no agente humano.

Na época moderna, a máquina era máquina externa que agia fora do corpo e da mente. A máquina de hoje é outra coisa. Hoje temos que falar da máquina interiorizada, máquina biopolítica: a máquina psicofarmacológica, a máquina que age no interior do corpo graças a potências de tipo químico, biotécnico. E, ainda mais,  
**16** a máquina semiótica, a rede como concate-

<sup>1</sup> F. T. Marinetti, "All'automobile da corsa" [Ao carro de corrida], 1908.

nação que torna possível uma deslocalização dos processos produtivos. A máquina bioinformática. Para realizar deslocamentos progressivos e de formas diferenciadas, a máquina deixou de ser a máquina adorada pelo futurismo para se tornar uma máquina essencialmente internalizada: a máquina de controle.

Passamos, assim, de um regime disciplinar a um regime de controle. No primeiro caso, a máquina se constituiu diante do corpo e da mente humana, era externa em relação ao corpo que permanecia corpo pré-técnico. Por isso, o corpo-mente devia ser regulado normativa, legal e institucionalmente, para, em seguida, ser submetido ao ritmo das máquinas concatenadas.

No segundo caso, o que se nos apresenta hoje, a máquina não está mais diante, e sim dentro do corpo, dentro da mente, e os corpos não podem se relacionar nem a mente se expressar sem o suporte técnico da máquina biopolítica. Por isso, não é mais necessário o trabalho de disciplinamento político, legislativo, violento e repressivo. O controle se dá inteiramente a partir da própria máquina interna.

A máquina se torna cada vez menor, torna-se dispositivo miniaturizado, nanotecnologia. É constituída por corpúsculos bioquímicos capazes de modificar o estado do organismo e do humor. A máquina se faz signo, relação, linguagem que modela seus falantes. Abole o espaço, torna obsoleto o automóvel porque o espaço é suprimido em uma temporalidade instantânea e deslocalizada.

Não somente a máquina, mas sua concepção também sofre uma mutação nessa passagem. Marinetti concebe a máquina segundo o modo moderno, como exterioridade, enquanto, na época digital, a máquina é diferença de informação, não exterioridade, mas sim modelação linguística, automatismo  
**17** lógico e cognitivo.



**COLEÇÃO EXIT** Como pensar as questões do século XXI? A coleção Exit é um espaço editorial que busca identificar e analisar criticamente vários temas do mundo contemporâneo. Novas ferramentas das ciências humanas, da arte e da tecnologia são convocadas para reflexões de ponta sobre fenômenos ainda pouco nomeados, com o objetivo de pensar saídas para a complexidade da vida hoje.

**COORDENAÇÃO** Florencia Ferrari e Milton Ohata

### **LEIA TAMBÉM**

*24/7 - capitalismo tardio e os fins do sono*  
Jonathan Crary

*Big Tech - a ascensão dos dados e a morte da política*  
Evgeny Morozov

*Desobedecer*  
Frédéric Gros

*Esperando Foucault, ainda*  
Marshall Sahlins

*Os pecados secretos da economia*  
Deirdre McCloskey

*Reinvenção da intimidade - políticas do sofrimento cotidiano*  
Christian Dunker

© Ubu Editora, 2019

© Franco Berardi, 2009

Coordenação editorial FLORENCIA FERRARI

Assistentes editoriais ISABELA SANCHES e JÚLIA KNAIPP

Preparação CÉLIA EUVALDO

Revisão RITA SAM, CACILDA GUERRA e LUCIANA KAWASSAKI

Projeto gráfico da coleção ELAINE RAMOS e FLÁVIA CASTANHEIRA

Projeto gráfico deste título LIVIA TAKEMURA

Produção gráfica LILIA GÓES e MARINA AMBRASAS

*Nesta edição, respeitou-se o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecário Odilio Hilario Moreira Junior - CRB 8 / 9949

Berardi, Franco

Depois do futuro / Franco Berardi; traduzido por Regina  
Silva - São Paulo: Ubu Editora, 2019

192 pp. / Coleção Exit

ISBN 978 85 7126 21 4

1. Ciências sociais. 2. Movimento futurista. 3. Política.

I. Silva, Regina. II. Título.

CDD 300

CDU 316

Índice para catálogo sistemático:

1. Ciências sociais 300

2. Ciências sociais 316

UBU EDITORA

Largo do Arouche 161 sobreloja 2

01219 011 São Paulo SP

(11) 33312275 [ubueditora.com.br](http://ubueditora.com.br)

atendimento ao professor

[professor@ubueditora.com.br](mailto:professor@ubueditora.com.br)